

Socialismo ou capitalismo, eis a questão!

O presidente de honra do PT e candidato à presidência da Re-pública, Luiz Inácio Lula da Silva, falando na abertura do Seminário Socialismo e Democracia, promovido pela Fundação Perseu Abramo no dia 26 de março em São Paulo, afirmou: “Eu tenho dúvidas quando dizem que para construir o socialismo você tem de fazer a revolução primeiro”. Lula também questionou a necessidade de pôr fim à propriedade privada dos meios de produção, dizendo que “somente com o controle dos meios de produção nós poderíamos construir a sociedade socialista. Eu não chego a tanto”. Prosseguindo, acrescentou: “É preciso levar em conta a necessidade de respeitar que um ser humano, quando trabalha, precisa ganhar de acordo com o que ele produz, de acordo com sua capacidade profissional. Por que, senão, você estará desestimulando as pessoas que têm mais competência” insinuando que, no socialismo, as qualidades individuais não seriam levadas em conta. Ainda não satisfeito, Lula atacou Karl Marx: “Marx imaginava que a sociedade iria ser majoritariamente de proletários, e isso não aconteceu, até porque hoje temos outro tipo de trabalhador”. E citou como exemplos desse novo tipo de trabalhador “os empregados autônomos, que trabalham por conta própria, os terceirizados, e o crescimento da economia informal”.

Nem Lula nem sua assessoria desmentiram essas afirmações publicadas em quase todos os jornais da imprensa burguesa nacional. Tomemo-las, pois, como verdadeiras.

Embora, vez por outra, surja um “socialista” duvidando da necessidade da propriedade coletiva dos meios de produção no socialismo, é interessante notar que nunca vemos um capitalista duvidar da necessidade da propriedade privada dos meios de produção no capitalismo. E, verdade seja dita, sem o controle social dos meios de produção não se chega a sair nem do capitalismo, quanto mais construir o socialismo.

1. Mas voltemos ao seminário do PT. Para dizer que não defende o fim da propriedade privada dos meios de produção, Lula afirmou: “Não chego a tanto”. T tamanha dúvida obriga-nos a iniciar recordando por que uma determinada sociedade é chamada de capitalista e outra de socialista.

Para definir o caráter de uma sociedade é necessário, antes de qualquer coisa, examinar quais as relações de produção existentes entre os homens dessa sociedade e, conseqüentemente, na posse de quem se encontram os meios de produção (as fábricas, os bancos, a terra, as florestas, a água, o subsolo, as matérias-primas, os instrumentos de produção, as construções, os meios de transporte e de comunicação etc.). Se esses meios de produção estão sob controle de toda a sociedade (propriedade social ou coletiva) ou se estão na posse de uma minoria (propriedade privada de alguns indivíduos ou de uma classe que deles se servem para explorar outros indivíduos ou outras classes) é o que define se o modo de produção é socialista ou capitalista.

O capitalismo é, portanto, o sistema econômico e social no qual a propriedade privada dos meios de produção forma a base das relações de produção. Nela, os produtores (os trabalhadores assalariados), os que verdadeiramente produzem as mercadorias, privados da posse dos meios de produção, são forçados a vender sua força de trabalho ao capitalista para não morrerem de fome. Assim, na sociedade capitalista, a força de trabalho é uma mercadoria que o trabalhador assalariado vende ao dono do capital, recebendo por ela um determinado valor em dinheiro, ou seja, o salário.

Karl Marx, o fundador do socialismo científico, foi quem revelou em profundidade o caráter e a natureza do capitalismo ao pôr a descoberto o que até então estava oculto em todas as definições sobre o sistema capitalista: a mais-valia, como a fonte de todo lucro e da acumulação do capital. Marx provou que o valor do salário pago ao trabalhador corresponde apenas a uma parte mínima do valor do trabalho executado e que a diferença entre o salário pago e o trabalho realizado (a mais-valia) é apropriada pelos proprietários dos meios de produção sob a forma de lucro. Ou seja, mesmo quando o capitalista compra

a força de trabalho do operário por todo o seu valor, por todo o valor que representa a força de trabalho como mercadoria no mercado, dela retira sempre mais valor do que lhe custa.

A propriedade privada dos meios de produção é a causa da exploração do homem pelo homem

Portanto, o fato de os meios de produção se encontrarem nas mãos de uma única classe, a burguesia, é o que permite, de um lado, o trabalhador não ser dono daquilo que ele produz e, de outro, o capitalista tomar posse de todas as mercadorias produzidas pelos trabalhadores, isto é, do fruto do trabalho alheio. É essa e somente essa condição, a propriedade privada dos meios de produção, que obriga todos aqueles que não possuem meios de produção, a imensa maioria da população, a vender sua força de trabalho aos capitalistas. Fica claro, então, que a propriedade privada dos meios de produção é a causa de os trabalhadores serem transformados em escravos assalariados dos patrões capitalistas, da burguesia e, conseqüentemente, da exploração do homem pelo homem. Em outras palavras, a principal contradição da sociedade capitalista é que, embora toda a produção seja social, pois para produzir são necessários milhões e milhões de homens trabalhando, a apropriação do que é produzido é capitalista, é privada. Daí ser a contradição entre o proletariado e a burguesia, entre as duas principais classes da sociedade capitalista, uma contradição inconciliável.

Por sua vez, o socialismo é um sistema econômico e social oposto ao capitalismo. Nele, as relações de produção estão baseadas na propriedade social dos meios de produção e a distribuição dos produtos é realizada com base nos interesses dos trabalhadores e no princípio de cada qual segundo seu trabalho. Enquanto, no capitalismo, a propriedade privada sobre os meios de produção separa os homens e impõe a submissão e a exploração do homem pelo homem, a concorrência etc., no socialismo, graças à propriedade social dos meios de produção, os homens trabalham unidos e em colaboração; a força de trabalho deixa de ser uma mercadoria e põe-se fim à mais-valia, à fonte do lucro.

Qual a conclusão, então, a que podemos chegar sobre a necessidade ou não de acabar com a propriedade privada dos meios de produção para construir a sociedade socialista?

Sem nenhuma dúvida, para construir a sociedade socialista é preciso acabar com a exploração do homem pelo homem e, para isso, é preciso acabar com a sua causa, com a propriedade privada dos meios de produção. Dito de outra maneira, somente com a propriedade coletiva, com todos os meios de produção pertencendo a todos e não apenas a uma pequena minoria, é que poderemos chegar ao socialismo.

Querer acabar com o capitalismo e iniciar a construção da sociedade socialista mantendo a propriedade privada dos meios de produção é o mesmo que pretender acabar com o efeito sem acabar com sua causa. Conclusão: não se pode pôr fim à miséria que causa o capitalismo senão acabando com o próprio capitalismo.

Pois bem! Este sistema econômico baseado na propriedade privada dos meios de produção, o capitalismo, é ainda o verdadeiro responsável pelas grandes crises econômicas que têm sacudido o mundo nos últimos anos e que se tornam cada vez mais freqüentes, apesar de todas as medidas adotadas pelos governos capitalistas e de suas eternas promessas de pôr fim às crises. Aliás, a inevitabilidade das crises no sistema capitalista é mais uma prova da caducidade do capitalismo e da necessidade de sua superação.

De fato, antes do capitalismo, as crises eram resultado de calamidades naturais ou sociais; inundações, epidemias etc. Hoje, com o capitalismo, a razão das crises está no próprio sistema capitalista, está na contradição entre o caráter social da produção e a forma, privada, capitalista, de apropriação dos produtos, ou seja, é a contradição fundamental do capitalismo que, concentrando toda a riqueza nas mãos de uma minoria, leva bilhões e bilhões de pessoas a terem uma existência miserável e a nada possuírem. Portanto, para superar as cada vez mais constantes e destruidoras crises econômicas é

necessário colocar a terra, as fábricas, as máquinas, os meios de produção nas mãos dos trabalhadores e não nas de um punhado de magnatas, de bilionários exploradores.

Mas o sistema capitalista, o sistema da propriedade privada dos meios de produção, é não só responsável por toda a anarquia da produção, como também pelo gigantesco crescimento da miséria e da pobreza em todo o mundo. São 1 bilhão de pessoas analfabetas; 2,4 bilhões sem água e mais de 1 bilhão de pessoas desempregadas.

É, ainda, graças ao capitalismo que as 225 pessoas mais ricas do mundo têm uma fortuna superior a 1 trilhão de dólares, soma igual à renda anual de 2,5 bilhões de pessoas, isto é, os 47% mais pobres da população mundial.

É o capitalismo também o responsável por metade da população mundial, 3 bilhões de pessoas, viverem subalimentadas, e 4,4 bilhões não terem acesso a serviços básicos de saúde, enquanto os três capitalistas mais ricos do mundo possuem ativos que superam o Produto Interno Bruto dos 48 países mais pobres. É este mesmo sistema que provocou, no último século, duas grandes guerras mundiais e levou à morte 58,5 milhões de homens, mulheres e crianças; que joga toneladas de comida no lixo enquanto milhões morrem de fome. Um regime que fala em liberdade mas, em pleno século XXI, segundo a ONU, mantém 26 milhões de pessoas em escravidão, boa parte delas crianças e adolescentes. Ao mesmo tempo, que deixa morrer mais de 18 milhões de pessoas todo ano, por não terem dinheiro para comprar os remédios que salva-riam suas vidas. Remédios que, embora produzidos pelos trabalhadores, pertencem aos capitalistas, aos grandes monopólios farmacêuticos multinacionais.

Manter, pois, a propriedade privada dos meios de produção, uma propriedade privada que, como disse Marx, pressupõe, como condição necessária para continuar existindo, que a imensa maioria da sociedade não possua propriedade é manter a causa de toda essa destruição e sofrimento que o capitalismo em cinco séculos tem espalhado por todo o mundo.

“A história de toda a humanidade é até hoje a história de luta de classes”

Continuemos.

2. “Tenho dúvida de se a revolução tem que vir primeiro para construir o socialismo”, declarou Lula.

Também essa dúvida que Lula diz ter, nunca os capitalistas a tiveram. Provam as centenas de revoluções armadas que levaram a burguesia a ser classe dominante em todo o mundo, as milhares de cabeças que foram cortadas e os milhões de homens, mulheres e crianças que morreram (e continuam a morrer) para a burguesia não só tomar o poder mas, principalmente, mantê-lo. Sem dúvida, não tem sido pequena a violência usada pela burguesia para manter o capitalismo na maioria dos países do mundo.

De fato, na sociedade capitalista, “a acumulação de riqueza num dos pólos determina no pólo oposto, no pólo da classe que produz o seu produto como capital, uma acumulação igual de miséria, de tormentos, de trabalho, de escravidão, de ignorância, de embrutecimento e de degradação moral” (Marx, O Capital, tomo I, capítulo XXII). Quer dizer, a riqueza de uma minoria de privilegiados só é possível com a espoliação e a miséria de bilhões de pessoas. Além do que o objetivo fundamental do capitalismo na época do imperialismo capitalista é assegurar o lucro máximo para a minoria de magnatas.

Quer dizer, as classes exploradoras, os capitalistas e latifundiários têm necessidade do domínio político para manter essa exploração, ou seja, para defender os interesses egoístas de uma ínfima minoria contra a imensa maioria do povo. Esperar que o capitalismo venha aplicar seu capital para melhorar a situação material das massas, dos trabalhadores, e não para elevar e satisfazer os interesses e os caprichos da burguesia é mera e vã ilusão. Se isso ocorresse, o capitalismo deixaria de ser capitalismo.

Assim, se não quisermos ser apanhados de surpresa, temos que saber que os capitalistas não se retirarão espontaneamente sem luta. Que defenderão, como têm feito, com toda a violência, o seu “direito” de continuar explorando o povo e a manutenção dos seus privilégios. Não resta, pois, à classe

operária, aos trabalhadores, aos camponeses, se não quiserem ser esmagados, que responder também com a violência a essa violência do sistema.

Não podemos esquecer que vivemos em uma sociedade de classes e que não há nem pode haver outra saída que a luta de classes. Não se podem negar os fatos. Em toda sociedade de classes, seja fundada na escravidão, na servidão ou como hoje no trabalho assalariado, a classe opressora está armada... Esta é uma verdade tão elementar que não há necessidade de deter-se nela. Basta recordar o emprego de tropas (polícia, exército etc) contra os grevistas em todos os países capitalistas (Lembra da repressão à greve do ABC?) O armamento da burguesia contra o proletariado é um dos fatos mais consideráveis, fundamentais e importantes da atual sociedade capitalista. (Lênin, O Socialismo e a Guerra).

Dito de outra forma, para acabar com a exploração e defender os interesses da imensa maioria do povo contra os exploradores, isto é, contra os capitalistas e latifundiários, as classes exploradas, a classe operária e os camponeses têm necessidade do domínio político e, para tanto, necessitam fazer uma revolução, uma vez que, nenhuma classe abandona o poder por sua própria vontade. Aliás, “só em um regime de coisas em que não haja classes nem antagonismo de classes, as evoluções sociais deixam de ser revoluções políticas”. (Marx).

Por outro lado, tornou-se tão desumana e brutal a exploração dos capitalistas sobre os trabalhadores, é tamanho o sofrimento, a miséria e a pobreza das massas populares, que, a cada dia que passa, vai ficando insustentável continuar a viver sem se levantar contra a classe dos exploradores. Por isso, como disse Che: “A revolução é inevitável”.

Pretender que a burguesia ceda pacificamente o poder e os meios de produção que estão sob seu controle é, pois, uma ilusão. Uma santa ilusão, que todos os dias surgem fatos e mais fatos para desmenti-la. Uma ilusão, inclusive, em boa parte responsável pelo prolongamento do sofrimento e, também, por grandes derrotas do povo brasileiro ao longo desses 500 anos.

Como superar, vencer e derrotar as classes exploradoras, a burguesia e os latifundiários, suas Forças Armadas, seu Estado, e transformar a propriedade privada dos meios de produção em propriedade coletiva, sem uma revolução? Como construir o socialismo sem primeiro fazer uma revolução? Qual o outro caminho? Agora, para um “socialismo” que não acaba com a propriedade privada mas a mantém, estamos de pleno acordo que não é necessário fazer nenhuma revolução.

No socialismo, não há exploradores nem explorados

3. Lula disse ainda: “É preciso levar em conta a necessidade de respeitar que um ser humano, quando trabalha, precisa ganhar de acordo com o que ele produz, de acordo com sua capacidade profissional. Porque senão você estará desestimulando as pessoas que têm mais competência”.

Ora, em que regime econômico não se respeita a capacidade profissional e não se paga de acordo com o que cada um produz? No capitalismo, sem dúvida.

Provas são o que não falta. Quanto ganha um operário e quanto ele produz? Quanta ganha um capitalista embora nada produza? E qual a causa de tamanha injustiça? A propriedade privada dos meios de produção.

Diferentemente do que insinuou Lula, a capacidade individual de cada um só pode realmente ser respeitada e valorizada no socialismo, pois existe a propriedade coletiva dos meios de produção e o Estado está sob direção dos trabalhadores. No socialismo, não há exploradores nem explorados. O que prevalece na relação entre os homens é uma relação de colaboração, permitindo que a capacidade de cada um floresça, se desenvolva e verdadeiramente seja respeitada. Também no socialismo, os produtos são repartidos mediante o princípio a cada qual segundo seu trabalho, o oposto do capitalismo, no qual os que trabalham quase nada comem. E somente um sistema no qual um homem não explora outro homem é que pode satisfazer completamente esses interesses pessoais, porque garante a todos se

tornarem senhores de si mesmos, serem homens livres. O socialismo, portanto, não nega os interesses individuais mas os combina com os interesses de todo o povo.

Já o capitalismo é um sistema que coloca o lucro acima de tudo, que só leva em consideração quem tem capital, desprezando a qualidade ou capacidade de cada um. Basta verificar os que fazem sucesso ou têm suas qualidades exaltadas pelos meios de comunicação sob controle da burguesia. Dessa maneira, todos os que são verdadeiramente favoráveis a respeitar um ser humano de acordo com o que ele produz têm que ser socialistas, pois só o socialismo tem como princípio a cada um segundo seu trabalho.

4. Segundo, ainda, Lula, “Marx imaginava que a sociedade iria ser majoritariamente de proletários e isso não aconteceu, até porque hoje temos outro tipo de trabalhador”. E citou como exemplos desse novo tipo de trabalha-dor “os empregados autônomos, que trabalham por conta própria, os terceirizados e o crescimento da economia informal”.

Bem, o que, de fato, Marx não imaginava é que o nível dos ataques ao socialismo científico baixasse tanto. Sem dúvida, Kautsky e Bernstein tratavam, pelo menos, de deixar as coisas num nível teórico mais elevado. Que se há de fazer?

Lula disse: existe hoje o crescimento da “economia informal”.

Mas o que é essa “economia informal” que cresceu tanto e não foi imaginada por Marx?

Os economistas burgueses chamam de “economia informal” os setores da economia capitalista que não pagam impostos, não têm contabilidade oficial, nos quais os assalariados contratados não são registrados enfim, setores da economia considerados clandestinos. É essa “economia informal” que, segundo Lula, Marx não viu. Ora, na “época” de Marx, o que mais havia eram empresas que não recolhiam impostos, trabalha-dores assalariados não registrados ou sem carteira assinada; jornadas de trabalho acima das oito horas etc.

Porém, em se tratando de modo de produção, a questão não está em se Marx viu ou não, se imaginou ou não. Mas em saber o que muda nas relações de produção da sociedade capitalista se o trabalhador que vende sua força de trabalho ao capitalista, ao proprietário dos meios de produção, teve sua carteira assinada ou não. Por acaso a exploração capitalista deixou de acontecer? Claro que não, ela apenas se aprofundou, tornou-se ainda mais brutal.

Em outras palavras, a questão essencial não é nem pode ser se a “economia informal” tornou-se maior ou menor, mas, sim, se a sociedade continua dividida em duas grandes classes: uma que é dona dos meios de produção, a burguesia; e outra, a imensa maioria da população, que não tem outra possibilidade de sobreviver senão vendendo sua força de trabalho aos donos dos meios de produção, o proletariado. Quando os economistas burgueses falam de “economia informal”, estão unicamente interessados em embelezar o capitalismo e esconder suas profundas contradições e, em particular, a contradição entre capital e trabalho.

Um novo tipo de trabalhador só é possível numa sociedade em que o trabalhador é dono do que produz

Lula se refere também aos “trabalhadores autônomos” como algo novo não imaginado por Marx.

Bem, estes trabalhadores também são chamados, pelos economistas burgueses, de “trabalhadores por conta própria”. Outra enganação. No capitalismo nenhum trabalhador vive “por conta própria”, já que depende, para viver, de que alguém compre sua força de trabalho. (Era só o que faltava, trabalhador autônomo no capitalismo, quando uma das características desse sistema econômico é a alienação do trabalho).

Pois bem, os “trabalhadores autônomos” são em sua maioria trabalhadores domésticos. E o genial Marx não só previu, como imaginou que, na medida em que o capital se concentrasse mais e mais, esse número de trabalhadores domésticos iria crescer enormemente.

“Ah! Mas cresceu imensamente nas últimas décadas”. Sim, cresceu, como cresceu o desemprego em todo o mundo; são mais de 1 bilhão de desempregados (1/3 de toda a força de trabalho mundial); como cresceu a concentração do capital; o domínio do capital financeiro sobre a economia capitalista e, principalmente, como cresceu a substituição dos operários pelas máquinas, fazendo crescer o “exército de reserva do trabalho”. E, infelizmente, continuarão crescendo até o dia em que se porá fim a este regime caduco e assassino que é o capitalismo, até o dia em que a propriedade privada dos meios de produção for extinta em todo o planeta.

Uma outra grande novidade, segundo Lula, seria a “terceirização”. Mas o que é a “terceirização”?

A chamada “terceirização” não é outra coisa senão mais uma forma encontrada pelos capitalistas para aumentar a exploração da força de trabalho. É só perguntar a qualquer sindicalista da CUT que tenha na sua base trabalha-dores “terceirizados”, que ele explicará direitinho essa “novidade” chamada “terceirização”. Veja, por exemplo, a situação dos petroleiros.

A “terceirização” da Petrobras levou à demissão de 28 mil operários e à contratação de dezenas de milhares de outros operários ganhando menos de 1/3 que esses que foram demitidos ganhavam. Na bacia de Campos, dos 37 mil que trabalham, sete mil são da Petrobras e 30 mil são de empreiteiras, e muitos deles não têm carteira assinada (“se quiser pode chamar de economia informal”).

Isso é a terceirização: a superexploração dos trabalhadores com o objetivo de obter o máximo lucro. Em 2000, a Petrobras apresentou um faturamento líquido de 27 bilhões de dólares, graças aos operários estarem hoje recebendo salários duas ou três vezes menores que os demitidos e trabalhando duas vezes mais. Conclusão: o proprietário da Petrobras e os capitalistas donos das tais empresas terceirizadas ganharam mais mais-valia, e, assim, aumentaram enormemente seus lucros. Em outras palavras, o capitalismo para manter-se mesmo morto-vivo necessita aumentar a mais-valia e esse aumento só é possível com o crescimento da exploração. Portanto, a “terceirização” (se quiser, pode chamar de precarização das relações de trabalho ou de superexploração) em nada muda o fato de que é a propriedade privada dos meios de produção a fonte da exploração do homem pelo homem e de que é a exploração capitalista que vem o lucro dos patrões capitalistas.

Então, esse “novo tipo de trabalhador”, embora continue nas velhas relações de produção capitalistas, Marx não o previu?

Ora, ora, que tem de novo esse “novo tipo de trabalhador” se, igualmente ao velho, precisa vender sua força de trabalho para comer e só quem a pode comprar são os donos dos meios de produção, os burgueses?

Convenhamos, Lula faz outra grande confusão. Um novo tipo de trabalhador só é possível numa nova sociedade, numa sociedade em que o trabalhador é dono do que produz e não existe a exploração do homem pelo homem, ou seja, na sociedade socialista. No capitalismo, como vimos e sabemos, devido à existência da propriedade privada dos meios de produção, só é possível o velho tipo de trabalhador, qual seja, o que é explorado pelos patrões capitalistas, seja ele da economia formal ou da “nova” economia informal”.

Resumindo, quando analisamos os “tipos de trabalhadores”, o que importa é saber se o trabalho realizado é produtivo ou improdutivo, se o trabalhador em questão, legalizado ou clandestino, com carteira assinada ou não, contribui para a realização do capital e é fonte de mais-valia. Vejamos o que diz Karl Marx em O Capital:

“O conceito de trabalho produtivo se resume, igualmente, ainda em outro sentido. A produção capitalista não é apenas produção de mercadorias, é antes de tudo produção de mais-valia. O operário não produz para si, produz para o capital. Não basta, portanto, que produza em geral. Ele tem que produzir mais-valia. Apenas é produtivo o trabalhador que produz mais-valia para o capitalista ou que sirva ao próprio incremento do capital. Se nos for permitido escolher um exemplo fora da esfera material, diríamos que o professor de escola é um trabalhador produtivo se ele não apenas trabalha as

cabeças das crianças, mas extenua a si mesmo para enriquecer o patrão.” (Marx, O Capital, volume II, capítulo XIV).

E:

“Se uma população trabalhadora ex-cedente é um produto necessário da acumulação ou do desenvolvimento da riqueza sobre a base capitalista, essa população excedente torna-se, por sua vez, uma alavanca da acumulação capitalista e até uma condição do modo de produção capitalista”. (Marx, O Capital, volume II).

Por que será que esses “socialistas” têm tanta dificuldade de entender o que Marx escreveu? Ou será, definitivamente, que eles não querem entender Marx?

Conclusão:

As palavras de Lula no Seminário do PT foram mais um ataque grosseiro e simplista ao fundador do socialismo científico, Karl Marx, e à doutrina revolucionária da classe operária, o marxismo-leninismo. Ataques esses que, a exemplo do que os reformistas em todo o mundo têm se esmerado em fazer há mais de um século, pretendem desqualificar o marxismo, com afirmações do tipo: Marx não previu isso, não imaginou aquilo etc. Porém, ao analisá-las, vemos que o único resultado que tais colocações produzem é revelar melhor de que lado efetivamente se encontram seus autores: se a favor ou contra a propriedade privada dos meios de produção; se a favor ou contra a revolução socialista.

Tudo o que mais a classe dominante deseja é ter homens e mulheres que, com credibilidade junto às massas trabalhadoras, defendam que não é preciso fazer revolução nem acabar com a propriedade privada dos meios de produção. Aliás, de capitalistas que se proclamam “socialistas” a Europa está cheia. Este é o caso do francês Lionel Jospin, um verdadeiro executivo dos interesses dos poderosos capitalistas franceses, embora se diga socialista e seja membro do Partido Socialista Francês. O mesmo caso do primeiro-ministro Tony Blair, do Partido Trabalhista Inglês, e do chanceler Gerhard Schroder, do Partido Social-Democrata Alemão, entre outros. Nenhum deles, entretanto, abre mão dos nomes dos seus partidos que fazem referência à histórica luta pelo socialismo nos seus países. E por quê? Apego à tradição? Não! Oportunismo mesmo. Um oportunismo que se constitui no principal aliado da burguesia para manter o seu apodrecido e criminoso regime.

Sendo assim, encerramos com as sábias e proféticas palavras de Karl Marx e F. Engels, escritas em 1856 porém mais atuais do que nunca:

“Horrorizai-vos por querermos suprimir a propriedade privada. Mas na sociedade existente, a vossa, a propriedade privada está suprimida para nove décimos dos seus membros; ela existe precisamente pelo fato de não existir para nove décimos. Censurai-nos, portanto, por querermos suprimir uma propriedade que pressupõe como condição necessária que a imensa maioria da sociedade não possua propriedade”. (Manifesto do Partido Comunista. Karl Marx e F. Engels).

Luiz Falcão, membro do Comitê Central do Partido Comunista Revolucionário - PCR